

EXPLORANDO ESTRATÉGIAS DE DISCRIMINAÇÃO FONOLÓGICA EM INDIVÍDUOS COM SÍNDROME DE DOWN E DEFICIÊNCIA INTELECTUAL: IMPLICAÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DA LEITURA.

AGATHA CAMPOS ALBAINI DA SILVA¹; CELIANE DE FREITAS RIBEIRO²;
CRISTHIELEN BOEIRA RIBEIRO³; ÉRICA HARTWIG FRANK⁴; ETIANE
MESSA VALERIO⁵; GILSENIRA DE ALCINO RANGEL⁶.

¹Universidade Federal de Pelotas – agathacalbaini@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – celianedefreitasribeiro@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – crisboeira1@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – ericafrank01@outlook.com

⁵ Universidade Federal de Pelotas – valerioety@gmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – gilsenira_rangel@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Estratégia de discriminação fonológica, ou seja, a capacidade de identificar a diferença acarretada em uma palavra apenas com a mudança de um dos sons que a compõem, tem demonstrado ser um importante preditor de alfabetização. O presente trabalho, de caráter exploratório, objetiva verificar se o desempenho dessa habilidade exerce influência no processo de alfabetização de jovens e adultos com Síndrome de Down e Deficiência Intelectual.

Muitos estudos têm verificado a correlação entre o desenvolvimento da consciência fonológica e a alfabetização. Soares nos diz que:

“A consciência fonológica é a capacidade de focalizar e segmentar a cadeia sonora que constitui a palavra e de refletir sobre seus segmentos sonoros, que se distinguem por sua dimensão: a palavra, as sílabas, as rimas, os fonemas”. (S; 2020, p. 77).

Destarte, ratifica-se que, para alcançar o princípio alfabético, é mister que o educando suceda os níveis de consciência fonológica, sendo eles: consciência lexical, silábica e fonêmica.

Por meio desta análise supracitada de viés qualitativo e quantitativo, abrangendo as discussões teóricas e os instrumentos de coleta de dados, concebemos uma narrativa investigativa utilizando como critério as reflexões de Soares (2020); Cardoso-Martins (1996) e o teste linguístico da “Psicogênese da língua escrita”, de Ferreiro&Teberosky (1999).

Importante referir os estágios de aquisição da escrita preconizados por Ferreiro e Teberosky(1999), a saber:

- Primeiro Nível: Pré-Silábico I - Indiferenciado: Nesse estágio, o aluno acredita que a escrita é feita por meio de desenhos, e as letras não têm significado para ele. Quando a professora solicita que ele escreva uma palavra como "boca", o educando responde com um desenho de uma boca, rabiscos, garatujas.
- Segundo Nível: Pré-Silábico II - Diferenciado: O estudante já depreende que a escrita não é feita por meio de desenhos; ele utiliza letras ou, caso não esteja familiarizado com nenhuma letra, emprega algum tipo de símbolo ou rabisco que se assemelha a letras. Nesse estágio, o aluno ainda não tem noção de que as letras estão relacionadas aos sons da linguagem falada, ele apenas reconhece

que a escrita é composta por símbolos, mas não associa esses símbolos à língua oral.

- Terceiro Nível: Silábico: O aluno percebeu que as letras simbolizam os sons da fala, mas acredita que cada letra corresponde a uma sílaba oral.

Dentro deste nível podemos identificar duas fases imprescindíveis:

1. Silábico Sem Valor Sonoro: Para cada sílaba o aluno coloca uma letra sem pensar na correspondência sonora.
2. Silábico Com Valor Sonoro: Escreve para cada sílaba uma letra com correspondência sonora. Exemplo: E T K para peteca.

2. METODOLOGIA

A vigente pesquisa foi realizada com quatro alunos do Projeto de extensão Novos Caminhos, na faixa etária de 23 a 34 anos (idade cronológica média: 28 anos), sendo dois com Síndrome de Down e dois com Deficiência Intelectual, durante o mês de agosto e setembro de 2023. Cada aluno foi avaliado quanto à consciência fonológica, nível psicogenético de escrita. Outrossim, urge ponderar, ainda, que eles foram avaliados de modo individual pelas professoras aprendizes participantes desta pesquisa em uma sala fornecida pela Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

Para a operacionalização do estudo, foram utilizados dois instrumentos: Teste de Discriminação Fonológica, de Seabra & Capovilla, e o Teste de 4 palavras e uma frase, Ferreiro&Teberosky (1999).

No que concerne ao primeiro instrumento, os alunos foram avaliados por meio de um teste de comutação, isto é, um teste que define que, ao modificarmos um único elemento de sentido, avaliamos se isso causa uma mudança no significado.

No que tange ao segundo instrumento, foi aplicado o teste das quatro palavras e uma frase. O teste foi feito individualmente e, após, os alunos leram o que escreveram. As palavras ditadas foram: tornozelo, cabelo, boca e pé. A frase: O cabelo é bonito.

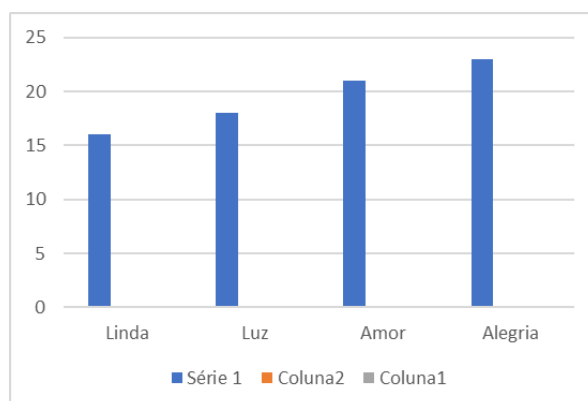
Nesse sentido, com o intuito de depreender a cultura fonológica dos educandos, as professoras discentes homologaram sua pesquisa utilizando estes níveis de desenvolvimento da escrita: Primeiro Nível: Pré-Silábico I - Indiferenciado; Segundo Nível: Pré-Silábico II - Diferenciado; Terceiro Nível: Silábico. No tocante ao último nível, evidencia-se duas fases importantes: 1. Silábico sem valor sonoro; 2. Silábico com valor sonoro.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Mormente, a respeito do Teste de Discriminação Fonológica, foram expostas imagens aos alunos, uma ao lado da outra, que concediam a eles a fomentação da compreensão de pares mínimos. Para isso, os educandos tinham de apontar para a figura-alvo dita pelas professoras aprendizes. A título de exemplo, foram apresentadas as imagens de faca e vaca, em que os alunos tinham de apontar para vaca; pente e dente, em que os alunos tinham de apontar para dente, entre outras.

Consideramos para análise o número de acertos e erros --sendo expostos por pontuações- que os alunos adquiriram apontando a figura-alvo. Nesta avaliação, quatro alunos participaram. Sendo 23 pontos o escore bruto total. A seguir temos os escores brutos adquiridos pelos educandos.

Gráfico 1: Desempenho no Teste de Discriminação Fonológica



Como se pode observar, a aluna Alegria não encontrou dificuldades e realizou o teste acertando todas. O aluno Amor, acertou 21 das 23 questões. Luz acertou 18 enquanto Linda obteve o menor índice de acertos, 16. Ao escore bruto é aplicada uma fórmula que originará a pontuação padrão a cada idade.

Após o cálculo da pontuação-padrão, obtivemos os seguintes resultados:

Tabela 1: Pontuações-padrões no Teste de Discriminação Fonológica

Pontuação padrão			
Alegria	Amor	Luz	Linda
111	77	27	20
média	baixa	muito baixa	muito baixa

Esses resultados indicam que apesar de os escores brutos não parecerem negativos, o real desempenho de todos os alunos ficou abaixo do esperado para a idade, considerando média e desvio padrão registrado na normatização do teste.

No tocante ao teste das Quatro palavras e uma frase (FERREIRO&TEBEROSKY, 1999), os resultados estão na Tabela 2.

Tabela 2 - Níveis Psicogenéticos de Escrita

Sujeitos	Níveis
Alegria	Pré-silábico I: Indiferenciado
Luz	Pré-silábico II: Diferenciado
Amor	Silábico Sem Valor Sonoro
Linda	Silábico Sem Valor Sonoro

Desses resultados é interessante notar que a Alegria, que apresentou a melhor pontuação padrão, está em um nível de escrita muito inicial. O Amor, que teve uma baixa, encontra-se em um nível mais elevado em relação à Alegria. Já, Luz e Linda, cujo desempenho foi baixo, encontram-se em estágios diferentes, pré-silábico II e silábico sem valor sonoro, respectivamente.

4. CONCLUSÕES

Em suma, verificou-se que os dados obtidos não são capazes de fornecer a confirmação de nossas hipóteses de que o desempenho em testes de habilidades de discriminação fonológica sejam preditores de bom desempenho em alfabetização. Esse resultado fica claro quando temos alunos com desempenho médio no teste, mas desempenho fraco em alfabetização e também o inverso é verdadeiro.

É importante considerar, ainda, que o presente estudo contou com algumas limitações metodológicas, entre elas a pequena amostra de sujeitos por estarmos no início da pesquisa.

Finalizando, cabe relevar que estudos como este mostram-se relevantes, à medida em que identificar os preditores de desempenho de alunos com Síndrome de Down e Deficiência Intelectual possibilitará a avaliação e identificação precoce de crianças, jovens e adultos sujeitos a dificuldades na aquisição da leitura e escrita. Nesse sentido, a pesquisa terá continuidade com um número maior de sujeitos de diferentes faixas etárias.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDOSO-MARTINS, Cláudia (Org.). **Consciência fonológica e alfabetização**. São Paulo: Vozes, 1996.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **A psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SEABRA, Alessandra Gotuzo; CAPOVILLA, Fernando César. **Teste de discriminação fonológica: caderno de aplicação**. In: SEABRA, Alessandra Gotuzo; DIAS, Natália Martins. *Avaliação Neuropsicológica Cognitiva: Linguagem Oral*. São Paulo: Memnon, 2012, p. 34 - 42.

SOARES, Magda. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2020.